

BARUCH [ALBERTO] BESEN¹

(Przemyśl, Polônia, 1920-?)



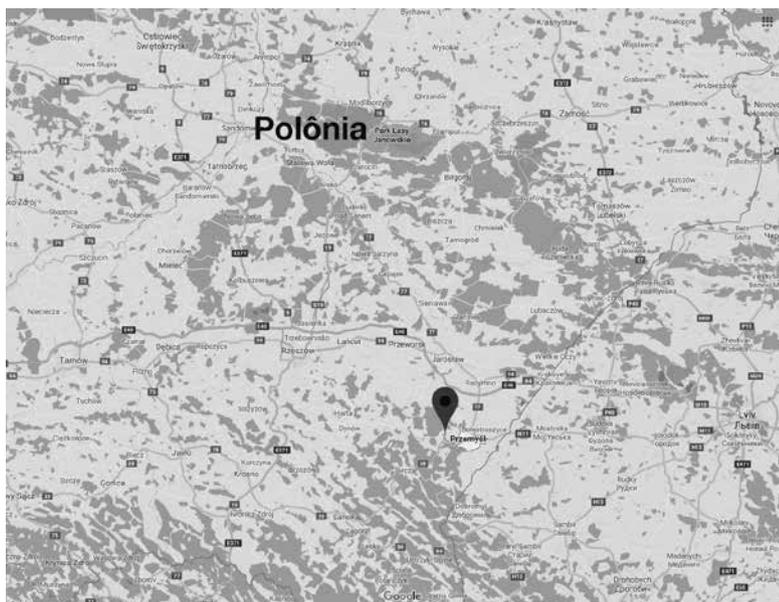
Retrato de Baruch [Alberto] Besen. Ficha consular de qualificação emitida pelo consulado-geral do Brasil. Antuérpia, 20 de junho de 1951. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

¹ Entrevista concedida por Baruch Besen a Sarita Mucinic Saruê, Raissa Alonso e Raíssa Londero, da equipe Arqshoah, com a presença de Sidney Barouch. S. Paulo, 8 de julho de 2015. Transcrição: Raissa Alonso. Pesquisa complementar: Blima Lorber e Tucci Carneiro. Transcrição: Tucci Carneiro. Arqshoah/Leer-USP.

De Przemyśl para Bruxelas

Meu nome é Baruch [Alberto] Besen, sou relojoeiro, nasci em Przemyśl (Polônia) em 6 de junho de 1920.^A Meus pais chamavam-se Gitla (Gilda) Basia Besen (1878-1947) e Pinkus Besen (1893-1942). Meu pai nasceu em Hoszów e minha mãe em Przemyśl. Éramos em cinco meio-irmãos: Moisés ou Mojzesz (Maurice) ou Moishe, Susi, Getzel (?), Magula [Amtmann de casada] e eu. Depois, do segundo casamento do meu pai, nasceu Syma, mais jovem que eu.

A-Przemyśl é a segunda cidade mais antiga depois de Cracóvia, no sul da Polônia, que remonta pelo menos ao século VIII. Situada à margem do rio San, a 14 quilômetros da fronteira com a Ucrânia, é uma cidade multicultural onde vivem representantes de diversas crenças, ritos e nações (poloneses, ucranianos, ciganos). Até a Segunda Guerra Mundial, foi também habitada por judeus que, conforme o censo de 1931, constituíam 29,5% da população. Durante a guerra, 45% da cidade foi destruída, sobretudo o bairro judeu e seus arredores.



Przemyśl (Polônia), terra natal de Baruch Besen.
Google Maps.

Durante minha infância em Przemyśl recordo que frequentei até a segunda classe do curso primário, mais nada. Sei que tinha muitos amigos, mas não consigo me lembrar deles. Tínhamos uma vida judaica e frequentávamos a sinagoga, pois meu pai era muito religioso.^B Até 1940 vivi em Przemyśl, cuja população, assim como nós judeus, sofreu

B-Em Przemyśl existem quatro sinagogas: a mais antiga (em polonês: *Stara Synagoga w Przemyślu*) foi construída em 1594 e incendiada em 1939, quando os alemães estavam se retirando da margem oriental do rio San, sendo suas ruínas destruídas em 1941; a Sinagoga Zaszanie (em polonês: *Synagoga Zasańska*), cuja construção foi iniciada em 1892 e inaugurada em 1902. Durante a ocupação nazista, foi transformada em uma usina temporária, e após a guerra usada como garagem para ônibus e ambulâncias.

muito com a guerra e o antissemitismo desde a invasão da Polônia pelos alemães. Difícil contar tudo que vimos por lá. Não foi nada fácil.^A



Cotidiano no centro antigo do bairro judeu de Przemyśl, tendo ao fundo a antiga sinagoga (*Stara Synagoga w Przemyślu*) construída em 1594. Por cerca de 350 anos foi o centro espiritual, social e educacional de Przemyśl, c. 1914-1918. Fotógrafo não identificado. Reproduzida por Kavikvs- Fotopolska. Disponível em: <<https://przemysl.fotopolska.eu/797464,foto.html?o=b41705>>.

Acesso em: 20 set. 2019.

A-Durante a invasão da Polônia, os exércitos alemão e polonês travaram a Batalha de Przemyśl, seguida por três dias de massacres contra centenas de judeus que moravam na cidade. Mais de 500 judeus foram assassinados no local e arredores, e a grande maioria da população judaica da cidade foi deportada para a parte da Polônia ocupada pela União Soviética. Com o influxo de refugiados judeus que tentaram atravessar a fronteira para a Romênia, a população judaica aumentou em meados de 1941. Durante a Operação Barbarossa de 1941, a parte oriental (soviética) da cidade também foi ocupada pela Alemanha e, em 20 de junho de 1942, o primeiro grupo de mil judeus foi transportado da área de Przemyśl para o campo de concentração de Janowska. Em 15 de julho de 1942 foi estabelecido um gueto nazista para todos os habitantes judeus de Przemyśl e arredores – cerca de 22 mil pessoas. Edifícios comunais judeus, incluindo a Sinagoga Tempel e a Antiga Sinagoga, foram destruídos; a nova sinagoga de Zasanie e todos os imóveis comerciais e residenciais pertencentes aos judeus foram confiscados. Até setembro de 1943, quase todos os judeus foram enviados para os campos de extermínio de Auschwitz e Belzec.

Vozes do Holocausto



Representantes da comunidade judaica de Przemyśl reunidos na Rybi Square, tendo ao fundo a antiga sinagoga (*Stara Synagoga w Przemyślu*) construída em 1594. Przemyśl, c. 1920-1939. Fotógrafo não identificado. Reproduzida por Kavikvs- Fotopolska. Disponível em: <<https://przemysl.fotopolska.eu/165896,foto.html?o=b41705>>. Acesso em: 20 set. 2019.



A mais antiga sinagoga de Przemyśl (*Stara Synagoga w Przemyślu*) incendiada em 1939 quando os alemães estavam se retirando da margem oriental do rio San, em ruínas em 1941-1942. Fotografia de Kavikvs- Fotopolska. Disponível em: <<https://przemysl.fotopolska.eu/167392,foto.html?o=b41705>>. Acesso em: 20 set. 2019.

De Bruxelas aos campos de concentração

Eu tinha 20 anos quando, em 1940, emigramos para a Bélgica, indo residir em Bruxelas. Em 1942, os homens da *Gestapo* entraram na minha casa, colocaram um revólver na minha cabeça e levaram tudo que existia lá dentro. Em seguida levaram meu pai e eu para uma caserna militar (em flamengo: *Mechelen*, e em francês: *Malines*) onde ficamos durante sete dias. Funcionava como um alojamento provisório para homens, mulheres e crianças. De lá fomos levados para Auschwitz, incluindo minha irmã Magula (Gula) com seu marido Elja Noech Nagiel, suas duas crianças, Felix Pierre e Joseph Henri, e uma terceira ainda na barriga. Nesta época eu tinha 22 anos e era solteiro, e todos os meus irmãos já estavam casados. Minha mãe sobreviveu na Bélgica escondida com uma irmã mais jovem. Minha irmã Magula, seus dois filhos e uma terceira criança na barriga não sobreviveram em Auschwitz. Outra irmã, Susi, casada com um Spindler, foi para Cuba e depois para os Estados Unidos.

Com minha idade é difícil contar toda a história, pois já esqueço um monte de coisas. Mas foi assim: cheguei em Auschwitz^A com meu pai em 26 de setembro de 1942. Ele foi assassinado logo após ser enviado para a fila do “outro lado”; e o mesmo aconteceu com minha irmã Magula e suas duas crianças. Ainda tenho aqui no braço o meu número de prisioneiro: 66081. Digo que tive sorte, pois no mesmo dia fui transferido para trabalhar em uma mina de carvão a cerca de dez quilômetros de Auschwitz. Uma mina de carvão, sabem o que é uma mina de carvão? Ali trabalhei entre 1942 e 1943.^B Depois, voltei para

A-Auschwitz-Birkenau foi uma rede de campos de concentração construídos no sul da Polônia nas áreas ocupadas pela Alemanha nazista. Surgiu a partir de 27 de abril de 1940 quando Heinrich Himmler, o *Reichsführer* da SS, ordenou que a área dos antigos alojamentos do exército no local fosse ocupada por campos de concentração e um campo de extermínio. A rede era formada por Auschwitz I (*Stammlager*, campo principal e centro administrativo do complexo); Auschwitz II-Birkenau (campo de extermínio), Auschwitz III-Monowitz, e mais 45 campos satélites. *Auschwitz* era o nome alemão dado ao município de Oświęcim, na Baixa Polônia, em volta do qual os campos estavam localizados. *Birkenau*, tradução alemã para *Brzezinka* (floresta de bétulas), referia-se originalmente a uma pequena vila polonesa destruída para dar lugar ao campo. Objetivo: receber a massa de judeus, especialmente os poloneses oriundos de várias partes da Europa conquistada pelas tropas nazistas, e concretizar o Plano da Solução Final da Questão Judaica. Ver: BAXTER, 2017; GILBERT, 2010.

B-Trabalhos forçados nos sub-campos: Entre 1942 e 1944, as autoridades de Auschwitz fundaram 39 sub-campos, alguns em áreas de “desenvolvimento”, outros na Alta Silésia, ao norte e oeste do rio Fístula, e os de Freudental e Bruenn/Brnona Morávia. Até 1943 estes campos estiveram subordinados à Auschwitz-Monowitz, sendo os prisioneiros submetidos a trabalhos forçados para a produção agrícola em grandes fazendas, como, por exemplo, Rajsko, além de produção industrial e de armamentos e extração mineral (minas de carvão e pedreiras). Em 1941, por exemplo, foi fundada na região a empresa das SS German Equipment Works. Periodicamente, os prisioneiros passavam por uma seleção, e se as SS os julgassem fracos ou doentes demais para trabalhar, enviavam-nos para Auschwitz-Birkenau, onde eram exterminados. Ver: United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/auschwitz>>. Acesso em: 12 out. 2019.

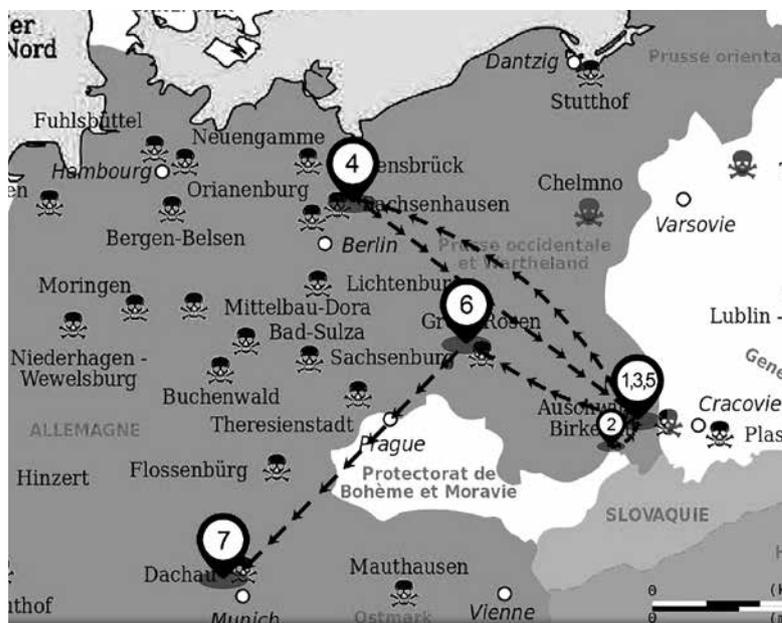
Vozes do Holocausto

Auschwitz, onde fiquei até 1943, quando fui transferido para Sachsenhausen,^A um campo de concentração na Alemanha, e lá trabalhei como relojoeiro até 1944. E depois voltei, pela terceira vez, para Auschwitz em 1945. Pela terceira vez...! Foi castigo, já no final da guerra?

A- Sachsenhausen era campo de concentração nazista localizado nos arredores de Berlim e que, por sua proximidade com a cidade de Oranienburg – centro administrativo de todos os campos de concentração – transformou-se em centro de treinamento para os oficiais da SS. Construído por volta de 1936, foi usado para confinar e exterminar em massa opositores políticos, judeus, homossexuais, Testemunhas de Jeová e, posteriormente, prisioneiros de guerra. Entre 1936 e 1945 cerca de 200 mil pessoas passaram por ali, e cerca de 100 mil morreram de doença, desnutrição e de pneumonia. Muitos outros foram executados ou morreram em consequência de experimentos médicos. Após 1945, serviu posteriormente como campo soviético, onde eram mantidos prisioneiros condenados pelo Tribunal Militar Soviético. Yakov Djughashvili (1907-1943), filho de Josef Stalin, foi morto em Sachsenhausen. No local existe hoje o Memorial às Vítimas do campo de Sachsenhausen.

Sáimos de Auschwitz caminhando a pé até Gross-Rosen, também um campo de concentração, onde ficamos dez dias sem comer e muitos morreram.^A De lá fomos para Dachau,^B novamente na Alemanha, onde ainda ocorriam batalhas. Foi quando eu recebi duas balas no meu corpo, ainda tenho a cicatriz, marcas. Finalmente, no final de maio de 1945, a guerra acabou e eu voltei para a Bélgica.^C

Trajetória percorrida por Baruch Besen como prisioneiro dos nazistas, 1942 - 1945.



1. 26.9.2042: Auschwitz-Birkenau, prisioneiro número 66081
2. 1942-1943: Minas de carvão nos arredores de Auschwitz – trabalhos forçados
3. 1943: Volta para Auschwitz-Birkenau
4. 1943-1944: Prisioneiro em Sachsenhausen, onde trabalhou como relojoeiro
5. 1945: Volta para Auschwitz-Birkenau

A-Baruch Besen refere-se às “Marchas da Morte” realizadas quando a força militar alemã estava entrando em colapso. Pressionados pelas Forças Aliadas, que cercaram os campos de concentração nazistas, os alemães começaram a remover os prisioneiros dos campos próximos à frente de batalha e enviá-los para trabalho escravo nos campos situados na Alemanha. Inicialmente os prisioneiros eram levados de trem e, depois, seguiam a pé em longas caminhadas, expostos ao frio extremo, com pouca ou nenhuma comida, água ou descanso. Milhares de prisioneiros foram obrigados a marchar em direção à cidade de Wodzislaw, na parte ocidental da Alta Silésia, e de lá colocados em trens de carga sem calefação e deportados para os campos de concentração na Alemanha, principalmente para Flossenberg, Sachsenhausen, Gross-Rosen, Buchenwald, Dachau e Mauthausen.

B-Três dias antes da libertação do campo de Dachau, as SS levaram cerca de sete mil prisioneiros em uma “Marcha da Morte” em direção ao sul, para Tegernsee, na Alemanha. Essa caminhada durou seis dias e aqueles que não conseguiam prosseguir eram executados a tiros. As forças norte-americanas libertaram o campo de concentração de Dachau em 29 de abril de 1945. No início de maio, tropas norte-americanas libertaram os prisioneiros sobreviventes da marcha para Tegernsee, dentre os quais estava Baruch Besen. Saiba mais em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/death-marches-1>>.

C-Em 27 de janeiro de 1945, os 7.500 prisioneiros restantes deixados em Auschwitz foram libertados pela 322ª Divisão de Rifles do 60º Exército de Frente Ucraniana do Exército Vermelho. Essa data é comemorada mundialmente como Dia Internacional da Lembrança do Holocausto, assim designado pela Assembleia das Nações Unidas.

6. 1945: Marcha da Morte: Auschwitz-Birkenau > Gross-Rosen > Dachau
7. 29.4.1945: A 42ª Divisão de Infantaria dos Estados Unidos libertou os prisioneiros do campo de concentração de Dachau.

Minha vida pós-Auschwitz

Minha mãe sobreviveu escondida, assim como minha irmã mais jovem chamada Syma (Simone) que vive nos Estados Unidos [faleceu em 13 de agosto de 2018]. Eu fui levado para um hospital americano, instalado nas áreas libertadas, onde permaneci por dois meses. Mas escuta, isso... Verdade é verdade...! Fui muito bem tratado, não tenho nada que reclamar. Na Bélgica recebi um documento (que está em francês) do prefeito de Anderlecht, um bairro de Bruxelas, onde fui recebido como herói de guerra. Tenho também fotografias com minha mãe na Bélgica.

Nós éramos seis irmãos: Moisés ou Moishe, que foi deportado para Auschwitz, onde morreu; Syma (Simone), mais jovem que eu, que está nos Estados Unidos; e Susi e Getzel (?), que já morreram.

Importante lembrar que os belgas salvaram muitos judeus. Por exemplo, esconderam minha mãe numa casa e, após a guerra, ela voltou para nossa casa. Ela soube onde eu estava através da Cruz Vermelha, que tinha um controle dos sobreviventes dos campos. Nossos nomes eram anunciados nos jornais, ajudando na busca de familiares. Gitla, minha mãe, sabia que eu havia sobrevivido, mas não conhecia o campo onde eu estava abrigado. Então, teve o reencontro com minha mãe e minha irmã mais jovem, Syma.

Assim vivemos na Bélgica por mais um tempo. Minha mãe morreu em 1947 um pouco antes de completar 65 anos. Em 1951, conheci Sara Makowska em Bruxelas, com quem me casei. Sara havia nascido em Lodz em 26 de janeiro de 1926, filha de Simon e Hinda Makowska.

Em 1951 conseguimos nossos vistos de emigração pelo consulado-geral do Brasil em Antuérpia, mas em caráter temporário-turista. Isso queria dizer que deveríamos ter passagens de ida e volta. Nossa nacionalidade, tanto minha como a de Sara: apátrida. Willy, nosso filho, nasceu em Bruxelas e veio para o Brasil com apenas dois anos. Minha irmã, Syma Besen,

Baruch (Alberto) Besen

conseguiu o visto permanente como polonesa, e veio para o Brasil em 1949. Minha esposa faleceu em 20 de outubro de 2014 com a idade de 89 anos.^A

A-Baruch Besen, naturalizou-se brasileiro. Solicitou retificação de nacionalidade para seu filho menor Willy Besen, deferido em 16 de janeiro de 1968. *Diário Oficial*, 31 de julho de 1968, p. 19.

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
MODELO S.C. 130
200321

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Baruch BESEN
Admitido em território nacional em caráter temporário-turista
Nos termos do art. 7 letra a do dec. n. 7.967, de 1945
Lugar e data de nascimento Przemysl 6/ junho / 1920
Nacionalidade apátrida Estado civil casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Pinkas e Gitla Basia
Profissão relógieiro
Residência no país de origem Anderlecht

NOME	IDADE	SEXO
FILHOS MENORES DE 18 ANOS		

SELO CONSUL



Título de viagem
Expedido n. 20423 expedido pelas autoridades de Gov. Prov. de Brabant na data 17-1-51
visado sob n. 443, autorizado CT 137, 4-5-51, Exteriores em Antuérpia
20 de junho de 1951.
O CONSUL:
PELO CONSUL GERAL J. DE OLIVEIRA MATA
CONSUL ADJUNTO

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada a qualquer póla autoridade consular sendo as duas vias devolvidas ao consulado emissor.

Ficha consular de qualificação de Baruch Besen, com visto temporário-turista, marcado como “apátrida”, emitida pelo consulado-geral do Brasil. Antuérpia, 20 de junho de 1951. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

42 REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
MODELO S.C. 130

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Sara MAKOWSKA-BESEN
Admitido em território nacional em caráter temporário-turista
Nos termos do art. 2 letra a do dec. n. 7.967, de 1945
Lugar e data de nascimento Lodz 26/ janº / 1926
Nacionalidade apátrida Estado civil casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Simon e Hinda Makowska
Profissão sem
Residência no país de origem Anderlecht

NOME	IDADE	SEXO
<u>Willy</u>	<u>2 anos</u>	<u>filho</u>

SELO CONSUL



Título de viagem
Expedido n. 20422 expedido pelas autoridades de Gov. Pro. v. de Brabant na data 17-1-51
visado sob n. 444, autorizado CT 137, 4-5-51, Exteriores em Antuérpia
20 de junho de 1951.
O CONSUL:
PELO CONSUL GERAL J. DE OLIVEIRA MATA
CONSUL ADJUNTO

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada a qualquer póla autoridade consular sendo as duas vias devolvidas ao consulado emissor.

Ficha consular de qualificação de Sara Makowska Besen, com visto temporário-turista, marcado como “apátrida”, emitida pelo consulado-geral do Brasil. Antuérpia, 20 de junho de 1951. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Vozes do Holocausto

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL MODELO S.C. 130
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 93558

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Syma Besen - Zylberberg
Admitido em território nacional em caráter permanente
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 9 letra --- do dec. n. 7.967, de 1945
Lugar e data de nascimento Przemysl 30/Janº./1923
Nacionalidade polonesa Estado civil casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Pinkas Besen e Gitla Straus
Profissão sem

Residência no país de origem BRUXELAS

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 018733 expedido pelas autoridades de Con. Polónia
BRUXELAS na data 18 de Janeiro de 1949
visado sob n. 60

ASSINATURA DO PORTADOR:
Syma Besen

Consulado Geral do Brasil em Antuérpia
em 7 de fevereiro de 1949
O CONSUL: *[Assinatura]*
CONSUL ADJUNTO: *[Assinatura]*
ENCARREGADO DO CONSULADO: *[Assinatura]*

SELO CONS.

NOTA—Esta ficha deve ser apresentada à máquina para a expedição consular, sendo as duas vias em original.

Ficha consular de qualificação de Syma Besen, polonesa, com visto permanente, emitida pelo consulado-geral do Brasil. Antuérpia, 7 de fevereiro de 1949. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

O Brasil como destino

Vimos para o Rio de Janeiro, onde já morava Jacques Zylberberg, casado com minha irmã Syma, hoje em Nova York com cerca de 92 anos [ambos falecidos, ele no Rio de Janeiro e ela nos Estados Unidos]. Minha esposa Sara veio dois meses antes de navio com meu filho Zeev, e eu cheguei um pouco depois. Consegui trabalhar na minha profissão de relojoeiro, a mesma que salvou minha vida na Alemanha. Tentamos viver dois anos nos Estados Unidos, onde estavam Susi, Getzel (?), Simon Amtmann e Syma.

O que posso dizer mais?

Nunca consegui me esquecer de uma coisa: fui muito torturado. Durante o dia, trabalhávamos na mina de carvão, voltávamos para o campo e aí eles batiam em nós. Como pode alguém viver assim? Vivemos seis meses e, como se diz, foi uma chance no meio de tantas barbaridades. Igual a essa tortura não existe... estes nazistas... [acena a cabeça negativamente]. Não consigo nem dizer que possa existir na vida tanta barbaridade, menor ou igual a essa. Que vou dizer mais?

Vou dizer mais uma coisa... Em Auschwitz havia muitos poloneses católicos como prisioneiros, antinazistas. Graças a um deles, estou aqui. Ele me deu a chance para trabalhar,

Baruch (Alberto) Bessen

primeiro na cozinha, e depois em uma lavanderia fora. Sim, fora de Auschwitz. Este era um homem muito bom. Voltei para Auschwitz três vezes! Eu não tenho nada a reclamar. Como já contei de tudo, então vou encerrar este testemunho...

Mas antes, deixo minha mensagem para os jovens, que merecem o máximo de respeito: nunca vai acontecer um outro Holocausto. Acho que é justo, não? Eu quero que vocês vivam em paz, pois a guerra não faz bem para nenhum povo... Liberdade vale tudo...! (Ponto).